

J. BORGES: TRAJETÓRIA E INTELECTUALIDADES XILOGRAVADAS

Helena Ferreira Maia
Graduanda em História pela
Universidade Católica de Pernambuco
helena.2020200303@unicap.br

Resumo: O presente artigo apresenta resultados parciais do Projeto de Pesquisa realizado no âmbito do PIBIC/UNICAP intitulado “Histórias Desenhadas: memória e visualidade nas xilogravuras de J. Borges. A pesquisa se constituiu por meio de análise documental e qualitativa contendo o currículo do artista José Francisco Borges, J. Borges, organizado para submissão ao concurso de Patrimônio Vivo de Pernambuco, edição 2005, como objeto e fonte de pesquisa. O material abarca uma média de 150 recortes de matérias e entrevistas para jornais locais do exterior, a exemplo do New York Times. Além de um conjunto de certificados, fotografias e cartas de recomendação. Por meio da catalogação foi possível organizar uma linha do tempo acerca dos acontecimentos escolhidos pelo autor, considerando alguns marcos temporais. A construção da linha do tempo, tem como finalidade expor uma possível trajetória do artista.

Palavras-chaves: Patrimônio; trajetória; xilogravura.

J. BORGES E SUA RELAÇÃO COM A ARTE

José Francisco Borges, cujo nome artístico é J. Borges, nasceu em 20 de dezembro de 1935, no Sítio Piroca, comunidade rural do município de Bezerros, no agreste de Pernambuco. Filho de agricultor e agricultora, muito jovem, já realizava atividades do mundo do trabalho artesanal e rural. Em suas inúmeras entrevistas costuma relembrar que foi pintor, carpinteiro, marceneiro e artesão, bem como vendedor de produtos variados na feira livre da sua cidade. O interesse pelos livros, à época, chamados de folhetos ou

romances, começou em virtude de sua relação com o espaço da feira livre, lugar de trocas diversas, enquanto vendia produtos como colheres de pau e brinquedos, observou que o produto teria saída garantida, se o vendedor fizesse uma "boa propaganda". Tomou a decisão de vender folhetos, assim aprendeu as práticas e gestos necessários para conquistar a freguesia de leitores e leitoras. Comprou a mercadoria e iniciou-se como vendedor de folhetos, profissão que exigia produtos, equipamentos de som e habilidade na performance de leitor que lia em voz alta. Para seu primeiro folheto, publicado em 1964 escolheu o título "O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petrolina", na capa foi posta uma xilogravura de autoria do gravador Dila[1]. No cruzamento de saberes sobre a produção e circulação dos livros-folhetos, Borges concebeu e publicou, em 1965, sua segunda obra poética: "O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem", com capa ilustrada por ele mesmo:

Figura 1 – O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem

[1] Mais conhecido como Mestre Dila, José Soares da Silva, foi patrimônio vivo de Pernambuco e um dos maiores nomes da xilogravura no Estado de Pernambuco. Nascido em 1937, em Bom Jardim, Dila se estabelece em Caruaru nos anos 1950, quando sua obra começa a ganhar corpo. Faleceu no ano de 2019, e seu nome era um dos homenageados para o desfile do Galo da Madrugada, no carnaval de 2020.



Fonte: CNFCP/Cordelteca.

O desenho apresentava uma igreja de duas torres, e consta como a primeira xilogravura do artista publicada em capa de folheto. (SILVA, 2015).

Fato curioso a mencionar, é o folheto “O exemplo da mulher que vendeu o cabelo e visitou o inferno”. Borges relata para um jornal, data e autor desconhecido que em uma de sua vinda a Bezerros, notou um comportamento diferente entre as mulheres do interior, haviam cortado o cabelo feito “João” e em todo lugar das feiras estavam vendendo seus cabelos. Ele brinca e diz que aproveitou a “onda” e escreveu um cordel. E ainda acrescenta, que do agreste ao sertão, nenhuma mulher vendeu os cabelos.

A PRÁTICA DE CONSTITUIÇÃO DE UM ARQUIVO PESSOAL

O conceito de um arquivo pessoal é dado por um conjunto de documentos produzidos, recebidos, ou coletados, por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social. A ideia da construção de um arquivo pessoal é a perpetuação de uma imortalização, pautado em uma memória coletiva, concepção exigente dentro das diretrizes da Lei de nº 12.196, de 02 de maio de 2002, conforme explica o historiador Alexandre de Sá Avelar:

> "Desde os antigos, o gênero biográfico conformou-se em uma série de discursos narrativos consagrados a busca de tornar presente a trajetória passada de um indivíduo, figurar no instante o remoto e o desejo de imortalizar o personagem. (AVELAR, 2012, p. 63)

A constituição é seguida pelas normas exigidas pelo concurso de Patrimônio Vivo de Pernambuco, da edição de 2005[2], de modo que a pessoa natural ou grupo de pessoas naturais estejam preenchendo todos os requisitos previstos na Lei. O dossiê, que é uma espécie de currículo, engloba diversos recortes de folhetos e jornais, capas de revistas, certificados, declarações, agradecimentos e imagens de exposições, nacionais e internacionais, provavelmente, organizado pelo artista J. Borges ou por alguém muito próximo ao artista. O material reunido é pensado minuciosamente para a candidatura de Borges, esses habitualmente utilizados pelos historiadores no ofício da arte de pesquisar. Sua disponibilização possibilita ao pesquisador a concepção de novos olhares dentro da historiografia nacional, a análise de novos saberes no campo de estudo da história oral e cultural, e o entendimento de patrimônio histórico e cultural que vem crescendo no território brasileiro, em evidência no Estado de Pernambuco[3].

A concretização da ideia de "imortalidade" se efetiva, parcialmente, para Borges, com a conquista com título de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco, apesar de que, a palavra "vivo" expressada na titulação vai contra o conceito de imortalização, contudo,

---

[2] Lei de nº 12.196, de 02 de maio de 2002. Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco - RPV-PE, e dá outras providências. A candidatura de José Francisco Borges, J. Borges ocorreu na edição de 2005.

[3] Primeiro estado brasileiro a instituir, no âmbito da Administração Pública, o Registro do Patrimônio Vivo, que reconhece e gratifica com uma pensão vitalícia mensal representantes da cultura popular e tradicional do Estado.

a ideia é essa propagação da cultura e a preservação do patrimônio e transmissão de conhecimentos e práticas e também a imortalização de seu nome e imagem.

> A biografia como estudo de caso reserva um papel ainda mais restrito ao estudo de uma trajetória individual. Neste caso, após o estabelecimento da análise macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos subjacentes, procede-se ao detalhamento biográfico com fins de ilustração da realidade mais ampla abordada. O indivíduo apenas ilustra/reflete uma construção estrutural que lhe ultrapassa. Ele é exemplo, não problema. (AVELAR, 2010. p. 160)

O modo como é construída a noção de "maior xilogravador do Nordeste" é bem significativa, e evidente quando ele assume essa posição para a conquista do prêmio, pois J. Borges já se reconhecia como mestre da xilogravura, pois, o título já estava escrito na capa do dossiê. Em uma declaração feita por Ariano Suassuna[4], presente no dossiê que J. Borges submeteu-se para concorrer ao prêmio, o escritor alega que J. Borges é o maior gravador popular do Brasil, essa declaração é relembrada por Borges algumas vezes, em entrevistas e textos seus. No arquivo disponível na Biblioteca da Fundarpe[5], o título da capa do currículo escolhido faz referência a esse olhar que o artista tem de si, referenciado como "J. Borges: o mestre das xilogravuras e dos cordéis", e como subtítulo "de Bezerros para o mundo".

RELAÇÕES BUROCRÁTICAS

O documento utilizado para a candidatura do Prêmio de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco, é bem sugestivo quando analisado. As exigências previstas pela lei 12.196 vai de encontro com o conteúdo da pasta.

A declaração encontrada na pasta documental utilizada para a pesquisa, consta com a assinatura de José Francisco Borges, J. Borges, declara sua qualidade de candidato a habilitação do RPV-PE, para os efeitos e sob as penas da lei, estar em pleno e regular exercício em atividades culturais, da cultura tradicional e popular pernambucana, há mais

[4] Foi um escritor brasileiro (1927-2014). Foi poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo, advogado e professor. Seu prestígio para Borges é bastante significativo, citado em sua biografia.

[5] Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, atualmente localizada no prédio da Fundarpe, na rua da Aurora, 463/469 - Boa Vista, Recife - PE. O material utilizado foi disponibilizado a partir de uma fotografia compartilhada pela Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva, em uma pasta no drive, método esse facilitador para o processo de pesquisa. Diante disto, o material pode ser encontrado em estado físico na FUNDARPE.

de vinte anos, bem como ter ciência e compromisso com o cumprimento dos deveres estipulados no artigo 5°, inciso I e II da lei n° 12.196, de 02/05/2002, atestando estar capacitado para a transmissão dos conhecimentos e técnicas, dentro da programação organizada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco. A declaração consta também, o selo de autenticidade e fiscalização do Tribunal da Justiça de Pernambuco e o carimbo do Cartório do 2° Ofício, válido comente com o selo de autenticidade e fiscalização. A contribuição de José Francisco Borges, J. Borges, para com a comunidade é essencial para a conquista do prêmio, de acordo com o que é previsto por lei. De acordo com o parágrafo único da lei, a pessoa natural ou grupo de pessoas naturais, dotado ou não de personalidade jurídica, que detenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e para a preservação de aspectos da cultura tradicional ou popular de uma comunidade estabelecida no Estado de Pernambuco (Recife (PE), 2002).

Seguindo as exigências, de acordo com o Art. 2°: a) a pessoa natural precisa estar viva; b) ser brasileira residente no Estado de Pernambuco há mais de 20 (vinte) anos, contados da data do pedido de inscrição; c) ter comprovada participação em atividades culturais há mais de 20 (vinte) anos, contados da data do pedido de inscrição; d) estar capacitada a transmitir seus conhecimentos ou suas técnicas a alunos ou a aprendizes. (Recife (PE), 2002).

A relação com a preservação e a propagação de um patrimônio cultural é primordial na criação do pensamento que foi construído de base para a execução da Lei, porém, o que está em voga é, também, a circulação dessa memória coletiva. Pois, quando mencionado as exigências para a candidatura, as percepções criadas são de uma transmissão de conhecimento e técnicas para com a comunidade. A ideia de uma memória coletiva é criada com o título de patrimônio vivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi exposto no corpo do texto, o documento utilizado como objeto de pesquisa serve como norteador na composição de uma possível construção de linha do tempo da vida do artista J. Borges, de modo que, os recortes de folhetos e jornais, certificados e depoimentos ajude nesse processo. Com um recorte de 1970 até o ano de

2019, pode-se notar inúmeras contribuições da figura do artista no território nacional, a exemplo de sua participação na Coletiva de abertura[6], exposição na Ranulpho Galeria de Arte[7], no ano de 1970. Desde então, Borges participou e participa de muitas exposições.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e a cultura popular: Nordeste 1920-1950**. São Paulo: Intermeios, 2013.

ARANTES, Antonio Augusto. **O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel**. São Paulo: Kairós/Funcamp, 1982.

AVELAR, Alexandre de Sá e SCHIMDT, Benito Bisso. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, José Francisco. **A vida do Padre Cícero gravada por José Borges**. Apresentação de Ariano Suassuna. Recife: Tip. Marista, 1972.

BORGES, José Francisco. **J. Borges: 10 gravuras**. Apresentação de Ariano Suassuna. Recife, PE: Guariba, 1973.

[6] A coletiva ocorreu em Recife, Pernambuco, no ano de 1975 e teve como artistas participantes Abelardo da Hora; Alcides Santos; Aloísio Magalhães; Bernardo Dimenstein; Fernando Lopes; Francisco Brennand; Francisco Neves; Franklin Delano; Gilberto Freyre; Gilvan Samico; Guita Charifker; Hélio Feijó; Ismael Caldas; J. Borges; Mário Nunes; Michel; Pierre Chalita; Reynaldo Fonseca; Roberto Lopes; Vicente do Rego Monteiro; Wellington Virgolino e Xtiano

[7] Figura muito importante na trajetória de J. Borges, Carlos Ranulpho por muito tempo foi o marchand de J. Borges.

BORGES, José Francisco. **J. Borges por J. Borges: gravura e cordel do Brasil**. Organização de Clodo Ferreira. Prefácio de Vladimir Carvalho. Versão para o inglês de Cynthia Ann Bell dos Santos. Brasília: Ed. da UnB, 2006.

CASTILLO TRONCOSO, Alberto del. **La memoria histórica y los usos de la imagen.** História Oral, v. 13, n. 1, p. 87-101, jan.-jun. 2010.

CASTILLO TRONCOSO, Alberto del. **Conceptos, imágenes y representaciones de La ninez em La ciudad de México (1880-1920)**. México: El Colegio de México/Instituto de Investigaciones Doctor José Maria Luis Mora, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de, RAVEL, Jacques; DOMINIQUE, Julia. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002a.

CHARTIER, Roger. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna séculos XVI-XVIII**. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

CHARTIER, Roger. I**nscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII.** Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Unesp, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Tradução de Eric Nepomuceno. Ilustrações: J. Borges. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas**. In: LAVERDI, Robson et al. História oral, desigualdades e diferenças. Santa Catarina: Ed. da UFSC; Recife: EDUFPE, 2011. p. 15-37.

HUNT, Lynn et al. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: M. Fontes, 2001.

J. BORGES: FAMA INTERNACIONAL E VIDA DE MISÉRIA, regional. Diário de Pernambuco, Recife, nº C-14, 18 de maio de 1997.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual**. In: ArtCultura, 9 Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan-jun. 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual**. In: ArtCultura, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, jan.-jun. 2008.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-45, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Metodologia Memória**. São Paulo: Contexto, 2010;

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura do Estado. **Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco**. Lei nº 12.196, de 02 de maio de 2002. Recife.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Maria do Rosário da Silva. **Histórias Escritas na Madeira: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

SLATER, Candace. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil**. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O folheto popular: sua capa e seus ilustradores**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981. (Série Monografias, v. 20).